



BOLETIM Nº 002-2021

BRASIL TEM 89 PESSOAS TRANS MORTAS NO 1º SEMESTRE EM 2021. SENDO 80 ASSASSINATOS, 9 SUICÍDIOS. HOVERAM AINDA 33 TENTATIVAS DE ASSASSINATOS E 27 VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS.

O país naturalizou um processo de marginalização e precarização para a aniquilação das pessoas trans. Em 2020, a ANTRA encontrou um número recorde de assassinatos contra travestis e mulheres trans, com um total de 175 casos. Se consolidando como o ano com o maior número de assassinatos contra essa parcela da população. O ciclo de violência que afeta travestis e mulheres trans se assemelha na medida em que a morte é o ponto final de uma série de violações anteriores.

Qualquer pesquisa simples em um mecanismo de busca na internet, denuncia o quanto a violência direcionada a pessoas trans segue presente no cotidiano dessas pessoas. Assustadoramente, observamos o mesmo cenário em que, 8 entre cada 10 notícias com as palavras “travesti” ou “mulher trans” na aba notícia nos principais mecanismos de busca, encontramos resultados de notícias relacionadas a violência e/ou violações de direitos humanos.

Visibilizar os elementos encontrados na pesquisa não é apenas um projeto institucional, mas de vida. E tudo que eles nos revelam são essenciais para pensamos

em formas de enfrentar o *CISTemático* assassinato e as tentativas de homicídio de pessoas trans no país.

Em consonância com o aumento da atenção por parte da comunidade, da sociedade civil e das políticas públicas à violência contra pessoas trans, temos atuado como forma de dar ainda mais ênfase no monitoramento e disseminação dos casos de violações de direitos humanos, diversas formas de violências, tentativas contra a vida e assassinatos violentos contra essa parcela da população. E parte da visibilidade que temos visto hoje sobre a transfobia e principalmente os casos graves de violência e assassinatos, são fruto de pesquisas como a que temos desenvolvido, junto as ações de incidência nacional e internacional.

A denuncia dessas violências contra pessoas trans, que temos visto intensificar a partir de uma maior veiculação de notícias nos mais diversos meios de comunicação, representa o reflexo de um *CISTema* trans excludente operando em sua mais perfeita atuação e da forma que foi pensado para impedir a cidadania de nossa população ao violar diariamente os direitos, a vida e os corpos das pessoas trans.

Já nos primeiros dias do ano, nos deparamos com o assassinato brutal de uma adolescente trans de 13 anos, no interior do Ceará – se tornando a mais jovem vítima do transfemicídio do país¹. E chama atenção que seu algoz também era um menor de idade. E ao longo do semestre vimos repetir em forma e intensidade, a crueldade com que esses casos tem acontecido.

Cabe ressaltar que diminuiu em 4 anos a idade da mais jovem desde que iniciamos esse monitoramento em 2017, caindo de 17 para 13 anos a idade em que pessoas trans passaram a ser assassinadas no país. E entre pessoas onde foi possível identificar a idade em 2021, apenas 12 (cerca de 15%) conseguiram ultrapassar a estimativa média de vida de uma pessoas trans, que é de 35 anos. As demais estavam na faixa de 13 a 35 anos de idade. Segue ainda o perfil já denunciado em nossas pesquisas em que a maioria expressava publicamente o gênero feminino, sendo travestis e mulheres trans, e eram negras.

Vimos ainda o caso de uma mulher trans que foi vítima de homicídio doloso e omissão de socorro, ao ser deixada para morrer pela equipe de uma clínica de saúde. O

¹ 13 são os novos 35? – Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/2021/01/21/os-13-sao-os-novos-35/>

laudo necroscópico do Instituto Médico Legal (IML) apontou que a vítima morreu cinco dias depois por asfixia ao inalar fumaça tóxica e quente das chamas. Ela estava sedada numa cama enquanto era preparada para uma cirurgia, na qual colocaria implantes de silicone nos seios, que nem chegou a fazer².

E mesmo assim, continuamos vendo a ausência de ações por parte dos estados e municípios a fim de enfrentar a violência transfóbica que já vem sendo denunciada há alguns anos. Os estados continuam omissos, inclusive no levantamento de dados sobre *lgbtifobia*, homicídios e violações de direitos humanos das pessoas trans.

O cenário de perseguição contra projetos que incluem diversidade sexual e de gênero e os assassinatos contra pessoas trans denuncia que este é o grupo mais vulnerabilizado, marginalizado e violentado dentre a comunidade LGBTI+, principalmente travestis e mulheres trans, que enfrentam maior processo de precarização de suas vidas³.

É preciso reconhecer logo de início, as alarmantes estatísticas de crimes de ódio perpetrados no Brasil, e que são motivadas sobre a violência contra pessoas trans no Brasil. Os dados existentes mostram que a violência e a discriminação contra pessoas LGBTI+ continuam afetando as vidas dessa população, especialmente as mais vulneráveis. O país, infelizmente ainda lidera o ranking mundial de assassinatos de pessoas trans em números absolutos, e dentro dessas fatalidades, observamos que cerca de 80% das vítimas eram negras. Sabemos que garantir uma legislação inclusiva, que proíba a discriminação é o primeiro passo. Mas para além disso, é necessário estabelecer políticas públicas que se dirijam ao enfrentamento dessa situação. Durante muito tempo, as instituições sociais contribuíram para perpetua uma ideia equivocada de que as pessoas LGBTI+ são de alguma forma inferiores ou causam algum dano a sociedade. Exatamente porque o estigma contra essas pessoas está tão arraigados na sociedade. É preciso ir além, da proibição legal. E adotar iniciativas que busquem ativamente reeducar e conscientizar a população geral para transformar a percepção danosa e equivocada de que pessoas LGBTI+ são imorais, criminosas ou doentes. (...) A função primordial de uma nação deve ser proteger e proporcionar o bem estar social de todos os cidadãos independentemente de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero. (Victor Madrigal - UN Independent Expert on Sexual Orientation and Gender Identity⁴)

² Caso Lorena Muniz - <https://www.portalviu.com.br/cidades/policia-indicia-6-pessoas-no-caso-da-morte-de-trans-durante-incendio-em-clinica-de-sp>

³ Porque priorizar travestis e mulheres trans em políticas públicas? - <https://www.instagram.com/p/CQvpmlInzKW/>

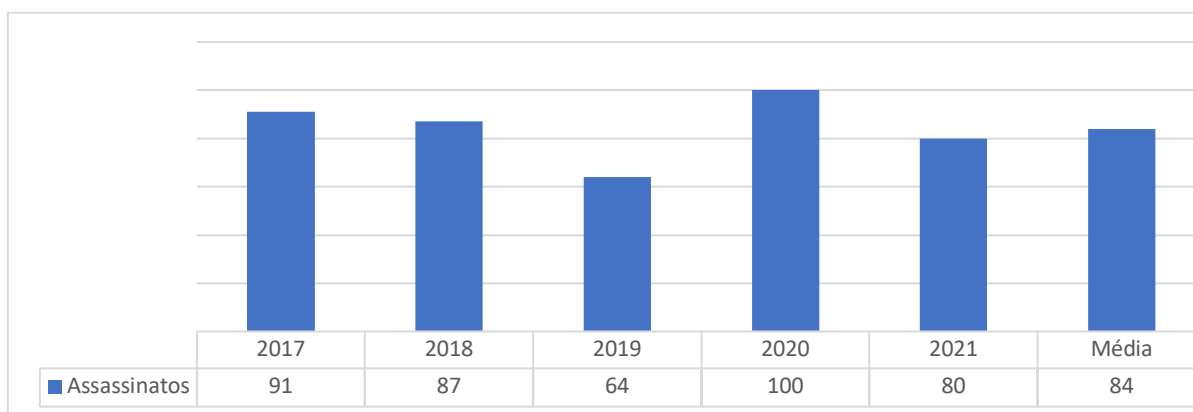
⁴ Mensagem de Victor Madrigal à Câmara dos deputados do Brasil – Disponível em: https://twitter.com/victor_madrigal/status/1407744486726328320

ASSASSINATOS

Mesmo com um número aparentemente inferior quando comparado ao mesmo período de 2020, não há o que comemorar. Entre janeiro e junho desse ano encontramos casos de assassinatos contra 78 travestis e mulheres trans e 2 homens trans/transmasculinos, totalizando 80 assassinatos no 1º semestre de 2021. No mesmo período, os EUA tiveram 29 casos, de acordo com a pesquisa anual da *Human Rights Campaign*, que monitora os casos de violência contra pessoas trans.

Do total de assassinatos, 3 das vítimas eram defensoras de direitos humanos.

Gráfico 1: Dados dos Assassinatos de pessoas trans no Brasil por semestre



Autora: BENEVIDES, Bruna, 2021.

Observem que a média dos semestres dos últimos anos é de 84 casos com cerca de 14 casos/mês, e que em 2021 tivemos, até o momento, média de 13,3 casos/mês, o que chama atenção pela proximidade com a média móvel e exige atenção durante o decorrer do ano.

A queda acontece após um 2020 altamente violento, mesmo com a pandemia do novo coronavírus. No ano passado, o país teve uma alta desproporcional dos assassinatos após dois anos consecutivos de queda. Há que se ter cautela em afirmar qualquer tendência em definitivo, visto que nos dois primeiros meses desse ano, ao ser comparado do ano passado onde não havia pandemia, não podem ser comparados pela mudança de cenário.

As reduções, porém, não significam que a situação em todos os meses seja de declínio constante. Em MAIO e JUNHO observamos números de até 5 pontos acima da média, e com relação aos estados, seguimos a mesma lógica, São Paulo, Ceará e Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro e Paraná, são os estados com o maior número de casos, e temos observado com muita atenção uma onda de ataques transfóbicos em Pernambuco durante o mês de junho. As prefeituras e governos dos estados, através de suas secretarias de segurança pública devem assumir urgentemente uma agenda que inclua a defesa da vida das pessoas trans.

E mesmo se a curva permanecer em queda, deveremos realizar um amplo debate e reflexão para identificarmos as causas. *“Temos que acompanhar esses números com muita cautela afim de compreender quais os determinantes desta redução das mortes violentas, bem como compreender o impacto da pandemia nas dinâmicas criminais”*, afirma Samira Bueno, diretora executiva do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A dinâmica do assassinato contra pessoas trans não segue o mesmo padrão dos homicídios em geral pelo caráter que agrega o cruzamento entre o racismo, a violência de gênero e a transfobia estrutural direcionada as vítimas, assim como a forma e intensidade com que os assassinatos são cometidos. Há diversos casos de tentativas de assassinatos, ataques transfóbicos e desaparecimentos anteriores ao fato consumado, que posteriormente se confirmam em assassinatos/homicídios.

Temos algumas questões que precisam ser respondidas, dentre elas o fato de ter aumentado o número de assassinatos no período mais duro da pandemia e se houveram iniciativas importantes ou ações advindas dos governos municipais, estaduais e federais a respeito do enfrentamento da violência.

TENTATIVAS DE ASSASINATOS

A importância de se catalogarem esses dados se deve à necessidade de que essas pessoas, sobreviventes, no futuro, possam informar o motivo real do crime e a sua ligação com a questão da transfobia no país. Percebe-se que toda essa violência apresenta um único objetivo, que é ferir, lesar, provocar a dor e aniquilar a pessoa, deixando marcas evidentes em seus corpos.

Este ano, foram mapeadas ainda 33 tentativas de assassinatos. E observamos que a crueldade e a desumanização fazem parte desse processo na maioria dos casos. São casos de estupros coletivos, corpos incendiados, vítimas de tentativas de execução, pessoas atiradas de dentro de veículos em movimento, espancamento, sequestros, desaparecimentos, etc.

As pessoas trans e gênero-diversas em todas as partes do mundo são vítimas de terríveis violências de ódio, que incluem chantagens, agressões físicas e sexuais, e assassinatos. Essas formas de violência frequentemente não são relatadas e pouca atenção é dada às suas causas subjacentes, como as formas de ódio transfóbico, transmisógeno, racista, xenofóbica e anti-profissionais do sexo e as condições socioeconômicas precárias que as pessoas trans e gênero-diversas enfrentam em muitos contextos. Todos esses fatores expõem pessoas trans e gênero-diversas, especialmente pessoas racializadas, minorias étnicas, migrantes e profissionais do sexo, com graus elevados de violência. (TGEU/2017)

Além de ser massivamente disseminado e aceito em nossa sociedade, o ódio e a crueldade contra pessoas trans, e a desumanização de nossas existências, seguem firmes em seu projeto de aniquilar nossas existências. A violência transfóbica é, de certa forma, passada de pai para filho, ensinada nas escolas, nas câmaras legislativas, nos púlpitos e cultos religiosos, na gestão pública, e alcança toda sociedade que segue passiva e co-responsável por essa barbárie. E ganha ainda mais força com uma ofensiva anti-gênero e anti-trans que se intensifica na agenda fundamentalista global, onde o Brasil se mantém como um de seus principais agentes.

Uma mulher transexual, de 54 anos, foi sequestrada, estuprada e depois abandonada em uma via urbana de Campo Grande com lesões pelo corpo. O delito está sendo investigado pela Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM) da capital como crime de LGBTfobia⁵.

Chama atenção os requintes de crueldade presentes nesse tipo de crime. Não apenas pretendem assassinar as vítimas, mas incluem excesso de violência e métodos *medievais* de impetrar a violência, muitas vezes cruzadas com métodos múltiplos de violência. Há ainda diversos casos onde mais de uma pessoa tem sido responsável por essas tentativas e em muitos outros há a participação de menores envolvidos.

⁵ Mulher trans é sequestrada, estuprada e abandonada em via urbana - <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2021/06/26/mulher-trans-e-sequestrada-estuprada-e-abandonada-em-via-urbana-de-campo-grande.ghtml>

Uma mulher trans de 33 anos que teve 40% do corpo queimado, após um adolescente ter ateadado fogo nela por um adolescente. A paciente, que já passou por duas cirurgias para amputação completa de um braço e parcial do outro, apresentou uma piora e precisou ser intubada novamente e permanece na UTI⁶.

A vereadora Benny Briolly precisou deixar o país devido as ameaças à sua vida que vinha sofrendo e diante do escalonamento da violência política contra parlamentares trans eleitas. Erika Hilton voltou a ser ameaçada de morte⁷, exatamente no mesmo dia em que o Fantástico veiculou matéria sobre os crimes com as parlamentares e onde foi denunciada a omissão do estado frente a esses casos⁸.

Independente de região, mulheres e homens trans, travestis e pessoas não-binárias são extremamente vulneráveis no espaço geográfico. O território das cidades não apresenta a mesma estrutura de oportunidades para as pessoas trans, resultando em diversas fragilidades que colocam nossa comunidade na exclusão social e, conseqüentemente, exposta a todo tipo de violência.

VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS

Recebemos denúncias de pelo menos 27 violações de direitos humanos e pudemos observar que travestis e demais pessoas trans continuam tendo seus direitos básicos violados, além de serem submetidas a tratamentos vexatórios e da ausência de respeito pelo Estado e pela Sociedade. Que tem a intenção de negar o espaço público as pessoas trans, mas também impedir a naturalização de nossos corpos e das relações/interações sociais com outros grupos.

Na mesma medida, a internet tem sido um dos espaços onde ocorrem grande parte dos registros, através de ataques virtuais e *cyberbullying*. Podendo ocorrer nas mídias sociais, plataformas de mensagens, plataformas de jogos e celulares.

⁶ Mulher trans queimada viva tem piora e volta para UTI - <https://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticia/2021/07/05/roberta-mulher-trans-queimada-no-recife-tem-piora-e-e-intubada-novamente-212555>

⁷ Nova ameaça contra a vereadora Erika Hilton - <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2021/07/justica-determina-quebra-de-sigilo-de-perfil-que-ameacou-erika-hilton-de-morte.shtml>

⁸ Matéria do Fantástico sobre violência política contra parlamentares Trans - <https://www.facebook.com/watch/?v=231351881722689>

Youtubers, influencers, artistas e páginas anti-trans continuam disseminando pânico, mitos e estigmas contra pessoas trans. É um tipo de comportamento repetido, com intuito de assustar, inferiorizar ou envergonhar as vítimas. Incluindo aí a disseminação de fakenews e o compartilhamento de fotos constrangedoras de alguém nas mídias sociais; enviar mensagens ou ameaças que humilham pelas plataformas de mensagens; passar-se por outra pessoa e enviar mensagens maldosas aos outros em seu nome. Assim como há o direcionamento de grupos de ódio para perfis de pessoas trans que são expostos em grupos de feministas cissexistas anti-trans, grupos bolsonaristas e outros espaços que incluem grupos de ódio, fascistas e fundamentalistas religiosos e de gênero.

“(…) uma vez eu respondi em um post transfóbico, e ela não gostou do meu comentário que eu fiz pra ela e pegou esse meu comentário fez outro post publicou com minha imagem e nome e me expôs pra todo mundo na sua página famosa no Facebook e as feministas radicais me humilharam muito por causa dela, inclusive meu comentário foi parar em vários grupos de feministas radicais e elas me detonaram, eu fiquei extremamente mal na época, eu tinha recém iniciado a minha transição.” (Mensagem privada enviada por uma seguidora em nossa página)

Há ainda ocorrências de ameaça, assédio e agressão devido a identidade de gênero. Denúncias de aplicativos de transportes, onde motoristas recusam a corrida ou impedem o acesso ao veículo. Impedimentos de acesso ou permanência em espaços sociais e negação de atendimento em espaços que prestam serviços relacionados a beleza/estética para travestis e mulheres trans. No atendimento de saúde não é diferente. Mulheres e homens trans enfrentam dificuldade para cuidados em saúde para além do *processo transexualizador* e na hora de ter acompanhamento na gestação de casais transcentrados.

Assim como continuamos recebendo denúncias de exigências não previstas para a retificação de nome e gênero, desincentivo dos registros de ocorrência no caso de denúncias dessas violações por agentes públicos, assédio moral e sexual no ambiente corporativo, e demissões motivadas pela identidade de gênero das vítimas.

E tem ficado cada vez mais recorrentes as perseguições, humilhações e constrangimentos de travestis e mulheres trans no uso de banheiros femininos. Que vão além do impedimento, mas há ainda a disseminação de vídeos explícitos em que a

identidade de vítimas não é preservada, gerando um ambiente de risco aumentado de violência posterior a denúncia ou retaliações dos espaços que mantêm essa prática de segregação e transfobia.

Temos ainda a questão da violência doméstica que inclui denúncias de internações compulsórias, cárcere privados e expulsões de casa. Vimos ainda casos de transfobia na educação pelo desrespeito ao uso do nome social ou comentários maldosos nas aulas online.

E mesmo diante desse cenário, nenhuma ação foi tomada para enfrentar as diversas formas, diretas e indiretas, que a transfobia admite. É muito importante visibilizar as violências que acontecem contra nossa comunidade na rede social, e acima de tudo é fundamental o [registro de ocorrência e uma denúncia formal aos órgãos competentes](#).

SUICÍDIOS

Casos de suicídio têm sido relatado nas redes sociais e em grupos de convivência de pessoas trans, especialmente entre pessoas negras e em situação de vulnerabilidade. E em nossas buscas, encontramos 9 casos de suicídio, apesar de toda a dificuldade em torno do tema.

A pandemia trouxe impactos diretos na saúde mental das pessoas trans como revela a pesquisa⁹ publicada pelo #VOTELGBT. E conforme já vinhamos publicando, assim como os maiores índices de assassinato, são as travestis e mulheres trans que enfrentam maior número de suicídios, apesar de serem os homens trans/transmasculines que mais apresentam ideações ou tentativas.

A falta de políticas públicas, a paralisação dos serviços de saúde específica, o cenário geral de violência anti-trans, os índices de assassinatos, as discussões que pretendem criminalizar pessoas trans e/ou institucionalizar a transfobia a partir de projetos que ferem a existência de pessoas trans, aliada a disseminação massiva de notícias tendenciosas em sites e blogs anti-trans, tem gerado um ambiente com grave impacto emocional e sensação de desamparo ou baixa perspectiva de dias melhores.

⁹ Diagnóstico LGBTQ+ na pandemia - <https://votelgbt.org/pesquisas>

Aliado a isso, pesquisas recentes revelam que jovens trans estão menos otimistas sobre o futuro. E, “têm afirmado cada vez mais o quanto é difícil imaginar seu futuro e que, embora seus amigos cis tenham sonhos para o futuro relacionados a carreiras, relacionamentos ou casa própria, suas próprias esperanças são muitas vezes limitadas pelo fato de terem dúvidas sobre o reconhecimento de sua identidade, de sua autodeclaração de gênero ser válida no acesso a direitos básicos e aos cuidados de saúde que precisam ter para serem eles próprios”, como revela uma recente matéria publicada pela revista Híbrida¹⁰.

MORTES PELA COVID-19

Não sabemos exatamente quantas pessoas trans morreram vítimas da COVID-19, porque não há garantia do respeito ao nome social ou da identidade de gênero das pessoas trans nos registros médicos ou atestados de óbito, o que dificulta a identificação dessas pessoas.

A partir de nossas pesquisas, informações enviadas em nossos canais e casos que tomamos conhecimento através de nossas redes, encontramos 15 casos de pessoas trans vitimadas pela COVID-19, mesmo acreditando que esses números seriam ainda maiores casos houvesse o cuidado de identificar as pessoas a partir de suas identidades de gênero e não exclusivamente pelo sexo/órgão genital.

ESTAMOS APENAS NA METADE DO ANO!

Cabe ressaltar que os dados produzidos por essa pesquisa não representam a totalidade dos assassinatos contra travestis e demais pessoas trans, visto que existem diversas limitações em nossa atuação, dentre elas a falta de dados governamentais, que aliado a subnotificação, se consolidam como os principais desafios nesses últimos cinco anos de monitoramento.

Os dados aqui apresentados representam uma parcela desses números, que nos ajudam a entender como tem funcionado a violência transfóbica no país, assim como

¹⁰ Jovens trans estão menos otimistas sobre o futuro - <https://revistahibrida.com.br/2021/05/04/jovens-trans-estao-menos-otimistas-sobre-o-futuro/>

mensurar de que forma a política nacional tem impactado diretamente a forma com que a sociedade como um todo se relaciona com a população trans.

Não acreditamos que haja qualquer indicativo que nos leve a crer em uma diminuição na violência transfóbica ou explique em definitivo as constantes variações nos números de assassinatos que temos mapeado até aqui. Especialmente em um momento de organização e avanço de uma agenda anti-trans, com a apresentação de diversos projetos de lei que visam estigmatizar e criminalizar as existências trans, os retrocessos em políticas trans inclusivas, o fortalecimento de discursos anticientíficos e a disseminação de narrativas que incitam o ódio através do medo sobre a população trans, tem sido os principais impulsionadores da violência presente na rede social e consequentemente no incentivo ao assassinato de pessoas trans, direcionando alvos e perpetuando o lugar subalterno em que a população trans foi historicamente colocada.

Precisamos de uma agenda política coletiva que inclua uma narrativa unificada com ativistas e pesquisadores da Academia, movimentos partidários, coletivos e aliados que se importem efetivamente com a nossa luta.

RECOMENDAÇÕES

Diante de todo esse cenário, pensamos alguns recomendações que devem ser incorporadas a fim de promover o enfrentamento da transfobia e de suas múltiplas formas, na busca por ambiente social onde as pessoas trans possam existir, serem protegidas e se sentirem seguras.

- Criação de [protocolos policiais para enfrentamento da violência lgbtifóbica no brasil](#), assim como para o correto [atendimento e abordagem de pessoas LGBTI+ por agentes de segurança pública](#);

- Providenciar formação para sensibilização e educação de agentes públicos em todas as áreas, mas especialmente da segurança pública, órgãos de proteção a vítimas de violência e espaços destinados a mulheres vitimas de violência doméstica e em espaços estatais sobre a importância do acolhimento das pessoas trans respeitando suas especificidades;

- Realizar campanhas públicas que incluam a diversidade LGBTI+ a fim conscientizar sobre seus direitos, os impactos da transfobia e sobre os efeitos da criminalização da LGBTIfobia;

- Coletar e analisar dados sobre violências, tentativas de homicídio, assassinatos e violações de direitos humanos contra a população de travestis e demais pessoas trans;

- Combater a impunidade e a subnotificação de abuso e violência;

- Apoiar e incentivar o trabalho de monitoramento da violência com a celebração de parcerias com as instituições da sociedade civil que atue na área;

- Garantir políticas emergenciais específicas para enfrentar os impactos da pandemia na população trans, com atenção as profissionais do sexo, moradores de favela e da periferia, pessoas em situação de rua, egressas do sistema prisional e aquelas privadas de liberdade e sistema socioeducativo;

- Criar e implementar medidas legais e políticas antidiscriminação, e ações afirmativas/medidas positivas no campo da educação e do emprego, para evitar que qualquer pessoa tenha que depender da venda de sexo como meio de sobrevivência devido à pobreza ou discriminação.

- Implementar locais de abrigo para as pessoas LGBTI+ expulsas de casa e/ou em situação de rua;

- Garantir, politico-administrativamente, que os programas sociais, projetos, serviços e benefícios de atenção sejam acessíveis às travestis e demais pessoas trans;

- Incluir no currículo escolar, temas ligados a educação sexual inclusiva, e a tolerância à diversidade.

Rio de Janeiro, RJ; 05 de julho de 2021.

BRUNA BENEVIDES

Secretária de Articulação Política da ANTRA

SAYONARA NOGUEIRA

Presidenta do IBTE/ Observatório Trans